

Sentimentos da Infância

História das idades

Para os dias atuais alguns assuntos parecem até coisa de criança. Falando de sentimento infantil sem importância, temas como idade, nomes dados a infância, já foram temas de suma importância para a ciência antiga e hoje parece que a maioria sabe o que se refere à idade. É como andar de bicicleta quando estamos por aprender parece coisa de outro mundo, impossível ficar sob duas rodas, mas depois que aprendemos descobrimos que o segredo está em pedalar, então percebemos que houve uma vitória sobre a gravidade que tende a nos derrubar mas, depois torna-se tão comum que damos pouca importância para as manobras que fazemos, é como se zombássemos dela. Assim também é tratar do tema idade dos homens. Tudo que se descobre é importante, mas há sempre o que ser encontrado. Quando se passou a tratar desta questão idades sabia-se que seria uma maneira de se medir o tempo de vida e maturidade do homem.

Como passou a fazer parte do cotidiano da vida simples o que levou a este cair no comum, fazer parte das mentalidades familiares.

Na idade Média quando os seus teóricos começam a lidar com o termo idade por não terem uma compreensão adequada do termo a infância é relacionada a uma gama de significados que eleva esta a uma noção que se adequar a juventude podendo chegar até aos 50 anos, estas idades estavam divididas em primeira idade que é a infância que planta os dentes, dura até os sete anos de idade, não falante, segunda idade esta idade dura até os 14 anos de idade, terceira idade é chamada de adolescência e pode durar até os 28 anos ou se estender até os 30 a 35 anos de idade. Segundo esta análise o crescimento duraria até 28 ou 35 anos de idade. O homem maduro iniciaria sua fase aos 45 anos ou 50 anos de idade.

A condição de compreensão se torna mais difícil para os teóricos franceses por não haver adequação verbal adequada a este termo, onde será utilizada uma linguagem advinda de outras culturas para uma melhor compreensão. Em outro momento fora utilizado uma análise de comportamento observando a infância que definiu as idades em:

- Primeiro, a idade dos brinquedos: crianças brincam com cavalos de pau, bonecas, e pequenos moinhos ou de pássaros amarrados.
- Idade da escola os meninos aprendem a ler ou a segurar um livro e um estojo; a meninas aprendem a fiar.
- Idade do amor, ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas na cor, passeios de rapazes e moças.
- Idade da guerra e da cavalaria: um homem armado
- Idade sedentária, dos homens da lei, da ciência: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga.

Para se entender as idades a língua foi um instrumento fundamental para sua compreensão, pois o Francês não era uma língua rica em expressões que ajudasse a traduzir esta nova concepção de infância. Os autores criadores de terminologias para infância eram latinos e estes desenvolveram sete temas para infância das quais no francês só havia três; enfance, jeunesse e vieillesse. Por não haver um sentido adequado ao termo infância esta não se estende por um longo período que chegara até o século XVII.

“Segundo um calendário das idades do século XVI, aos 24 anos é criança forte e virtuosa, assim acontece com as crianças quando elas têm 18 anos. A longa duração da infância tal como aparecia na língua comum, provinha da indiferença que se sentia então pelos fenômenos propriamente biológicos: ninguém teria a ideia de limitar a infância pela puberdade.

A ideia de infância estava ligada á ideia de dependência: palavras fils, valets e garçons eram também palavras do vocabulário das relações feudais ou senhoriais de dependência”.

partir de uma percepção da infância pela denotação das idades da língua francesa, passa-se a ter uma nova forma de tratamento da infância, pois esta ainda estava atribuída, ou seja, entendida como parte da fase adolescente por falta de argumentos apropriados.

Com a definição do termo facilitou a separação da criança que também estava inserida na adolescência.

Com a percepção de uma infância a partir do século XVII na França os teóricos e estudiosos passam a separar esta criança em primeiro da vida adulta, e depois da vida adolescente, até que esta passasse a ter seu próprio lugar. Portanto, a infância na França

contemporânea é tanto em terminologia como compreensão um período construído por uma noção levada pelo imaginário artístico e religioso no período que se compreende do século XIII e estende até o século XVII. O período que não houve um sentimento de infância foi um tempo de homens jovens.

A descoberta da infância

O entendimento de uma infância se dá por um sentimento de fragilidade quanto ao ser menor de idade de estatura, não se limitando mais somente a idade do ser mais em sua forma frágil de ser, e sim uma criança que fora construído a partir de critérios para se perceber está, que ainda se encontra no imaginário artístico e religioso. Temos três formas para se perceber este ser infante durante a idade média, que serão os primeiros passos até chegarmos a um momento propriamente dito de infância, já na idade contemporânea.

A arte medieval trata de temas infantis, uso de imagens de crianças reproduzindo homens miniatura. “O tema é a cena do evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a mim as criancinhas,(...) as miniaturas que se agruparam em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância, foram reproduzidos em uma escala menor. Apenas seu tamanho distingue dos adultos”.

Era utilizado o traço da inocência das crianças, mas o corpo e o rosto eram do adulto, a inocência representada na nudez e a criança no tamanho.

Anterior a descoberta de infância era apenas representação religiosa, como anjos, rapazes bonitos, crianças mal saídas da infância, que fora utilizado até o século XIV. Um segundo tipo de criança criada a partir do imaginário medieval: Modelo baseado no menino Jesus, ou nossa senhora menina. Infância ligada ao ministério da maternidade da virgem e ao culto de Maria. Jesus em um gesto amoroso com sua mãe, uma infância tenra no mundo das representações. Século XIII inspirou outras famílias. Mas o menino Jesus permaneceu até o século XIV. Um terceiro tipo de criança é a gótica nua, o menino Jesus nunca aparecia nu sempre em camisolas ou em cuaneiros. Na arte medieval francesa a alma representa por uma criancinha nua e assexuada. Estas representações artísticas e religiosas em nada poderiam revelar um sentimento para com a infância,

pois este era a representação do imaginário artístico e sacro do período medieval que chegaria a se tornar real quando a criança deixasse de ser algo trabalhado somente no religioso, e fosse utilizado em obras particulares, ou seja, pintura de família a quadros da criança morta.

Estas aplicações do místico e sobrenatural da alma e dos anjos eram utilizadas a forma infantil, pois era o que se havia de mais próximo de puro naquela época, mas a criança também nunca seria a criança medieval mais a que se imaginava nas histórias bíblicas do Novo Testamento. Durante este período esta fora realizações do religioso e artístico que ganhará vida no imaginário popular e familiar de uma noção utópica para o real.

A infância estivera limitada aos santos, Jesus, Maria, depois aos discípulos João, Thiago, Pedro, o levou a formação de uma iconografia inteiramente nova formando assim e multiplicando cenas de crianças e procurando reunir os mesmos conjuntos o grupo dessas crianças santas com ou sem suas mães.

De acordo com Ariès (1981, p.55) “Salientamos aqui apenas o fato de que a criança se tornou uma das personagens mais freqüentes dessas pinturas anedóticas (...)”. Foram surgindo temas diversos sobre a infância que contribuirá para a descoberta desta na sociedade na arte do século XV e XVI. A criança instrumento da arte é um ser socialmente presente e aparece nas festas em brincadeiras, com a mãe no meio do povo.

A criança sempre existiu não estava ausente na idade média “ao menos a partir do século XIII, mas nunca um modelo de um retrato de uma criança real”. Ariès (1981, p.56) As idéias sobre as crianças eram artísticas e o mundo real não estava preocupado no final do século XIII de cuidar da criança que fora modelo na arte, entretanto de acordo com Ariès (1981 p.58). “O aparecimento do retrato da criança morta no século XVI marcou um momento importante na história dos sentimentos”. Passaram a perceber esta criança real e a utilizarem um sentimento real quanto ao seu estado na sociedade adulta já presente.

A iconografia da criança morta terá uma grande contribuição para o despertar do sentimento da criança de piedade onde se tornara algo real fora do imaginário percebendo um ser frágil e não só na esfera artística mais real. De acordo com. Ariès (1981 p.58) “A criança (...) representa do só(...) novidade do século XVII um dos modelos favoritos”.

Esta arte será importante na construção do pequeno ser quanto uma percepção e da criação de um inicio de mundo próprio, “uma descoberta da alma infantil (...) importância dada á personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes”.(Ariès 1981, p.61).Este despertar ainda seria os primeiros passos de uma sociedade que estaria caminhado para se tornar tutora de uma criança que agora era percebida como frágil, pois seus valores estariam relacionados com sua evolução intelectual o que alguns procuram usar para suas afirmações de que a idade media seria um período de trevas ao que podemos perceber neste estudo que seria uma expressão equivocada ou utilizada propositalmente para atingir interesses particulares.

Percebe-se que a própria arte que elevou uma infância mística, trás no decorrer dos séculos uma infância real, despertando as sociedades para o ser infante.

AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS DA INFÂNCIA

A criação de uma criança inocente e pura não era parte do mundo real medieval, fora fruto de um imaginário religioso místico e até por dizer fantasioso no século XIII na França. Portanto, roupas angelicais como cuaneiros, camisolas ou até a nudez eram formas expressas nas obras sacras criadas a partir de um mundo imaginário, desenvolvido para enriquecer histórias religiosas, contadas em igrejas cujo seu fim seria o despertar do cristão para uma vida devotada a Deus, onde seres celestiais tinham uma forma de vida superior a do homem real em que demonstrava sua superioridade espiritual e as almas que representadas por pequeninos (crianças puras) alcançariam este mundo do outro lado.

Em sua realidade diária a criança se quer existia como infante, pois está inserida socialmente ao mundo adulto, limitado a uma realidade construída para este. As crianças eram adultos em miniatura isto é o que se pode perceber a partir de registros em quadro da época ou até em diários como o de Luis XIII, onde a criança começou a usar trajes como os de adultos onde a roupa tornava visíveis as etapas do crescimento que transformava a criança em homem. (Ariès 1981). Suas formas de se vestir tornavam os meninos pequenos homens e as meninas pequenas mulheres através do seu trajar, esta forma em particular de se vestir levaria a criança entender-se em um mundo de adultos revelando assim a falta de sentimento quanto a este ser infantil, pois a mesma iria seguir neste período os mesmo rumos que o adulto em sua trajetória diária, este mundo que servia ao adulto também servia nesta época para a criança. As condições demográficas, a formação de povos urbanos, mudanças sócias econômicas, intelectualidade em um período que parte do século

onde se inicia a análise sobre o sentimento de infância pode-se perceber por meio da pesquisa realizada que o início do século XIII em um período que parte de aproximadamente de trinta á cinqüenta anos que a sociedade demonstra um comportamento particular que pode-se identificar como o princípio que levará dentro da pesquisa a percepção da falta de sentimento infantil ou seja um mundo diferenciado para o ser infantil em que este ser se relacionara com adulto em suas festa sazonais em pé de igualdade. Durante três séculos e meio este termo ganhara forma o que ainda não há elementos suficiente para se definir um marco histórico para este processo que levará ao sentimento de infância, mas poderá demonstrar fortes indícios de sentimentos infante no período que fora identifica como século XVII, logo nas primeiras décadas. É o que demonstra sentimento de infância quando surge no século XVII. No entendimento Áries (1981, p70):

“No século XVII, entretanto, a criança, ou ao menos a criança de boa família quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vertida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade que a distinguia dos adultos. Esse fato essencial aparece logo ao primeiro olhar lançado às numerosas representações de crianças do início do século XVII”.

As formas de vestir das crianças eram um fator predominante, pois eram as roupas que mostravam que tipos de pessoa eram naquele período e as crianças não mais se vestiam como adultos ainda que no caso das meninas fora um pouco mais demorado esta mudança.

Eram um momento decisivo quanto a concepção do ser infante em uma sociedade que outrora desconhecia este sentimento, a diferenciação do traje da criança quanto o traje do adulto revelam um preocupação que não havia na idade média do século XIII onde a criança fora separada do adulto através do uniforme escolar.

Eram um momento decisivo quanto a concepção do ser infante em uma sociedade que outrora desconhecia este sentimento, a diferenciação do traje da criança quanto o traje do adulto revelam uma preocupação que não havia na idade média do século XIII onde a criança fora separada do adulto através do uniforme escolar.

Este processo de formação do ser infantil não é um processo compreendido de maneira natural, não podemos afirmar que cedo ou tarde a criança seria percebida, mas um processo construído que parte de uma sociedade que vive processos de construção em toda sua estrutura social onde a infância seria mais um destes.

A infância moderna não se deteria apenas na diferenciação dos trajes, pois a forma de se vestir em outras sociedades contemporâneas como no Brasil identificado já no final do século XIX, as crianças ainda se vestiam como adulto talvez por ser uma sociedade vinda de uma colonização, não podendo ser uma única caracterização de um processo de mudança, mais parte dele.

Um entendimento mais profundo da infância e suas necessidades se desenvolveriam devido esta diferenciação que resultaria na construção de brincadeiras, jogos, escolas e família.

Os Dois Sentimentos da Infância

O sentimento da infância diz respeito à consciência da distinção que há entre a criança e o adulto, a partir de suas particularidades infantis. Partindo deste ponto observamos então todo o percurso deste sentimento da infância.

Na idade Média este sentimento não existia. As crianças logo que tinham suas necessidades básicas supridas eram inseridas no mundo adulto, logo era uma sociedade de adultos, composta por crianças e jovens. Já as pequeninas nem mesmo eram contadas, pois eram muito frágeis e não podiam ainda ser utilizadas para o trabalho domestico tarefa que aprendiam logo cedo, caso superassem a fase de grande mortalidade, improvável, já eram confundidas com adultos.

Com isso a arte passava a mostrar a criança semelhante ao adulto, sem diferenciação. O primeiro sentimento da infância surgiu na família, admitindo à criança a sua personalidade, neste momento começam certas diferenciações nos trajes e entendimento da fragilidade e inocência infantil. Com a ingenuidade, graça tornava-se diversão para os adultos, sentimento esse chamado de “paparicação”. O que antes era um sentimento, talvez escondido pela mãe e pela avó, era demonstrado para que todos vissem e posteriormente explicitado principalmente no povo, onde as crianças eram extremamente mimadas.

Este sentimento causava em alguns, principalmente nos moralistas e educadores do século XVII, uma repulsa, pois eram crianças mal educadas e para eles eram tratadas como “macacos”. Este é o segundo sentimento, em que via as crianças separadas dos adultos, principalmente à mesa.

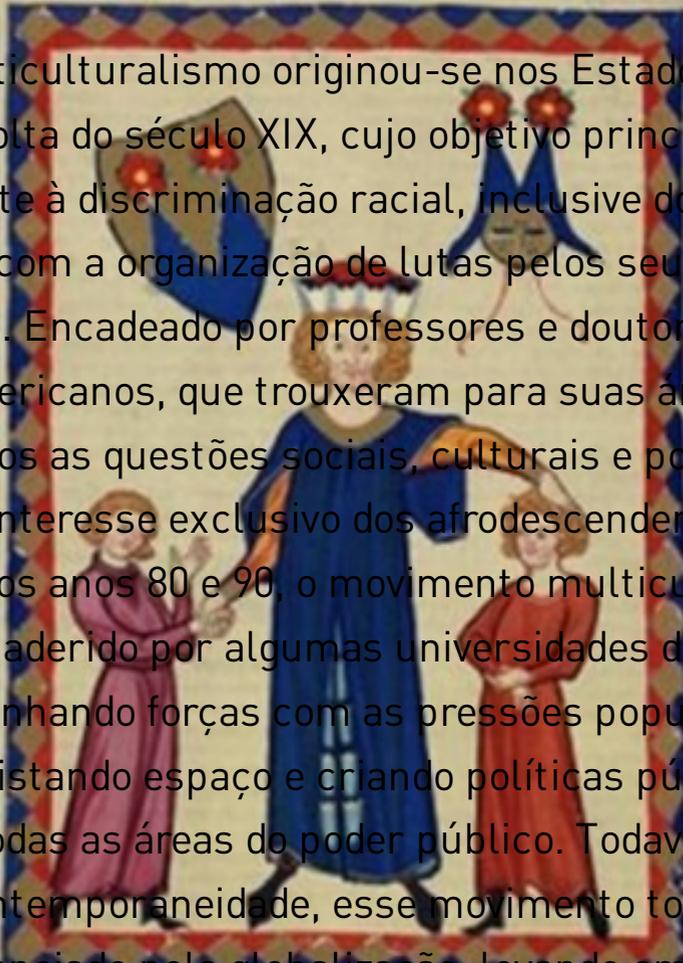
Havia apego com a infância por um interesse psicológico, uma forma de entendê-las para criar melhores métodos para a educação. Desta forma, propõe-se conquistar os filhos de forma doce e sutil para que fossem bem educados e futuros homens honrados. Este sentimento foi difundido pelos eclesiásticos e moralistas que se preocupavam com os costumes e disciplina. A preocupação com a disciplina refletiu posteriormente na família e principalmente nas escolas.

Multiculturalismo e educação

O multiculturalismo originou-se nos Estados Unidos, por volta do século XIX, cujo objetivo principal era o combate à discriminação racial, inclusive do negro, no país, com a organização de lutas pelos seus direitos civis. Encadeado por professores e doutores afro-americanos, que trouxeram para suas áreas de estudos as questões sociais, culturais e políticas de interesse exclusivo dos afrodescendentes.

Entre os anos 80 e 90, o movimento multiculturalista foi aderido por algumas universidades do país, ganhando forças com as pressões populares, conquistando espaço e criando políticas públicas em todas as áreas do poder público. Todavia, na contemporaneidade, esse movimento torna-se influenciado pela globalização, levando em conta, a necessidade dos intercâmbios culturais.

Nesse caso, há uma imposição do multiculturalismo que impede o reconhecimento de outras culturas; liberal por ingenuidade –



menciona a permanência de uma igualdade natural entre as diversas etnias, sem no entanto, se preocupar com a ausência de oportunidades de igualdade nos grupos sociais e educacionais; liberal de esquerda – admite a diversidade cultural, possibilitando a participação de outros grupos nas discussões multiculturais; crítico – considera os anseios voltados aos movimentos multiculturais. O multiculturalismo crítico levanta a bandeira da pluralidade de identidades culturais, a heterogeneidade como marca de cada grupo e opõe-se à padronização e uniformização definidas pelos grupos dominantes. Celebrar o direito à diferença nas relações sociais como forma de assegurar a convivência pacífica e tolerante entre os indivíduos caracteriza o compromisso com a democracia e a justiça social, em meios às relações de poder em que tais diferenças são construídas. (SILVA e BRADIM, 2008, p. 64).

A hibridização de culturas é um fenômeno que teve o princípio de discussões nos Estados Unidos, Portugal e Canadá,

tendo o seu termo recentemente incorporado às pesquisas brasileiras, graças as influências dos estudos culturais. Apesar da sua importância, o termo multiculturalismo encontra-se ainda em construção no nosso país. É um termo bastante abrangente que engloba várias perspectivas que se contradizem.

